

Fabio Rosini

A ARTE DE RECOMEÇAR

*Os seis dias da criação
e o início do discernimento*

*Prefácio de
Marko Ivan Rupnik*



EDITORIAL A.O.

Título original

L'Arte di Ricominciare

© Edizioni San Paolo, s.r.l. | Cinisello Balsamo (Milano)

ISBN 978-88-922-1384-5

Tradução

P. David de Casto Pernas

Revisão da Tradução

Maria do Rosário de Castro Pernas

Foto da capa

Evie S. (Unsplash.com)

Capa

Francisca Cardoso Girão

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Publito, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal

490463/21

ISBN

978-972-39-0930-2

Outubro de 2021

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.livraria.apostoladodaoracao.pt | livros@snao.pt

www.redemundialdeoracaodopapa.pt

ANTES DOS DIAS

O início contém tudo

*«Aquele que ascende
nunca deixa de caminhar de início em início;
nunca se acaba de começar»¹.*

A vida, tanto quanto sabemos, não jorra de mil modos diferentes, mas de um modo constante: segundo um código genético.

Para efeitos de precisão, distinguimos a vida humana que, para os biólogos, pertence à classe dos organismos chamados *eucariotas*, cujo genoma é segregado em cada uma das células dentro de um núcleo envolto numa membrana; reproduzem-se por mitose, mas são gerados mediante fecundação, evento extraordinário que determina a identidade única e irrepetível de cada indivíduo singular em cada espécie. É esta a vida das plantas, dos animais e do homem.

Já viram que cultura a minha? Bem, digamos que consultei a minha colaboradora, Elisabetta Palio, que é uma bióloga de qualidade.

¹ São Gregório de Nissa, *Homiliae in Canticum*, 8: PG 44, 941C.

A montante do nosso tipo de existência, portanto, dá-se a fecundação, e em consequência disso a vida apresenta-se segundo um código recôndito, graças ao qual uma bolota tem a energia oculta capaz de explodir na forma de um carvalho, mediante indicações fortes e específicas; escondidas numa semente ou num óvulo fecundado estão todas as informações necessárias às fases da vida subsequente: a infância, o amadurecimento, a fecundidade, a degeneração.

Por conseguinte, há um fator de detonação e há uma linguagem criada no instante seguinte à detonação, à qual aquele processo vital rigoroso será fiel, no meio das variáveis exteriores. Haverá processos de adaptação que, no entanto, terão de ter sempre em conta um código inicial, o genoma dessa identidade específica.

Isto é para mim uma intuição fundamental, que devo ao meu pai: quando eu tinha mais ou menos nove anos, ele pegou em mim e na minha irmãzinha Laura, antes de deixarmos, por aquele ano, a casa na região das Marcas onde passávamos as férias despreocupadas e felizes da nossa infância, e levou-nos lá abaixo, ao quintal, onde uma majestosa nogueira deixava cair os seus frutos; mandou-nos apanhar uma noz cada um e metê-las em dois buraquinhos que escavámos com as nossas mãos, a um metro um do outro, e disse-nos: «Para o ano, quando cá

voltarmos, veremos o que há aqui!». Que génio! Aquela imagem ficou plantada no meu coração².

Um ano depois havia duas pequenas plantas. Hoje ainda há uma nogueira frondosa. A nogueira antiga, cortámo-la há muitos anos, porque estava doente. Pelo contrário, uma daquelas duas nogueiras, então muito novas, ainda lá está. Quem sabe se é a minha ou a da minha irmã? Com efeito, segundo a minha irmã, uma dessas duas foi arrancada, por estarem demasiado próximas. A outra, por seu lado, cresceu, vigorosa, e no ano passado a minha irmã Miriam³ até me deu a comer algumas nozes dessa árvore que, no meu coração, desempenha o ofício de profeta.

Quando, sendo um sacerdote ainda muito jovem, comecei a levar os jovens à fé, a genialidade do meu pai resplandeceu dentro de mim e a minha árvore profeta deu-me a sua lição: as coisas começam pequenas, mas no início já lá está tudo.

O início contém tudo.

Se atraíças o início, atraíças o todo. Se o todo corre mal, é porque estás fora do mapa do início. Se queres re-

² O meu pai, Ezio Rosini, não teve esta iniciativa por acaso; era titular da cátedra de Física da Atmosfera na Universidade «La Sapienza» de Roma. Era sua intenção ser pai até na leitura das coisas. Desejava que entendêssemos as coisas com um olhar profundo. E creio que o conseguiu.

³ Uma das melhores coisas da vida: ter um vasto jardim de irmãos e irmãs, uma graça que os nossos pais nos concederam generosamente. Que Deus multiplique sobre eles as suas bênçãos também por isto!

começar, tens de voltar ao início, e encontrarás aquilo que é vital para ti. E, na realidade, encontrarás Outra Pessoa. Porque ninguém começa por si só. O início é dom de alguém. A minha nogueira profeta recebeu o seu início da sua mãezinha nogueira, da mãe terra do quintal das Marcas e das nossas mãozinhas. A vida, de facto, recebe-se.

Disse Thomas Stearns Eliot:

*«Aquilo a que chamamos princípio
muitas vezes é o fim, e terminar
é começar. O fim
é o lugar de onde partimos»⁴.*

Parafraseando, podemos dizer que no princípio está o fim. O propósito. Escondido no genoma.

Com efeito, o próprio Senhor Jesus Cristo, sendo o princípio de todas as coisas, também é o caminho para reencontrar a vida; chama-se a isso «recapitulação»⁵, o que quer dizer devolver o início às coisas, recomeçá-las do início⁶.

Aprofundemos isto como convém.

⁴ T.S. Eliot, *La terra desolata – Quattro quartetti*, Feltrinelli, Milão 1995, p. 159.

⁵ Cf. *Ef*1, 9-10.

⁶ O autor emprega aqui por duas vezes o termo italiano «capo», que traduzimos por «início», mas que, literalmente, significa «cabeça». É daí que vem o termo recapitulação, que significa «recomeço», «reinício». No português essa tradução literal não seria compreensível [NT].

Origens e originais

Poderá ajudar-nos uma pergunta: quando foi escrito o primeiro capítulo da Bíblia, o texto da Criação? Esta poderá parecer uma questão fútil de estudiosos enfadados e enfadonhos, mas não é assim. O estudo das origens dos textos faz-nos descobrir uma coisa muito estranha: a Bíblia começa com um texto muito tardio.

Não dispomos de espaço para contar toda a história narrada no Antigo Testamento, mas basta-nos recordar que os grandes períodos da história propriamente dita se iniciam com os patriarcas, começando com a aventura de Abraão, de seu filho, de seu neto e dos seus bisnetos, narrada a partir do capítulo 12 do Génesis; passa-se em seguida à epopeia extraordinária de Moisés e da libertação da escravidão em terra egípcia, narrada no livro do Êxodo e nos três livros seguintes; narra-se depois a instalação na terra de Canaã, o período confuso dos Juízes e a instauração do reino de Saúl, de David e de Salomão.

O que vem a seguir é um longo período que, com altos e baixos, mostra uma degeneração gradual até à tragédia, ou seja, ao tempo do Exílio, quando a classe alta do Reino de Judá é deportada para a Babilónia. Os setenta anos que se seguem constituem uma dolorosa purificação, levando o povo a voltar à sua própria raiz. E, por fim, Israel começa a contar de forma metódica toda a sua história a partir

de Abraão, isto é, compreende que o desastre que está a viver tem uma causa, é o fruto de um extravio para fora de uma senda vital. E é só quando os filhos de Israel estão a terminar esta obra de se reapoderarem da sua história, já regressados do exílio, humilhados e redimensionados, que escrevem os primeiros capítulos do Génesis, como um preâmbulo sapiencial a ela; e entre estes capítulos, talvez mesmo entre os últimos a serem escritos, escrevem o primeiro capítulo de toda a Bíblia⁷.

Em suma, o ato de escrever o texto da criação de Génesis 1 significa que foi feita uma síntese. Com efeito, os primeiros capítulos da Bíblia são demasiado profundos para serem um mero relato. Contêm uma mina de matizes que representam uma sabedoria adulta, amadurecida, refletida.

Assim é o relato da criação. Não é uma simples descrição, mas uma inalcançável sabedoria. São necessários muitos séculos para chegar a essa sabedoria, muitos erros, muitas contradições, muitas correções, muita gratidão, muita salvação. Numa leitura atenta dos textos que

⁷ Seria um dever explicar de modo acurado esta informação, mas este não é um livro de caráter exegetico. Para se ter uma ideia pode ler -se o agradável, sintético e rigoroso texto de um dos meus professores nos anos de estudo no Instituto Pontifício Bíblico, o prof. J. L. Ska, que permite compreender o que afirmo acima, no seu livro *Il cantiere del Pentateuco*, vol. I, EDB, Bolonha 2013, pp. 5-35.

vão do primeiro ao décimo primeiro capítulo do Génesis aparecem rastros de luz tão sublimes que não são humanos. Graças a tudo o que tinha sucedido de trágico e de grandioso, o povo hebraico já chegara à intuição de algo que estava muito para além da sua capacidade. Então, no primeiro capítulo do Génesis, pôde tentar descrever a trama do real, descrevendo o seu cerne, o início.

O ADN da realidade.

E então?

Então, o texto do primeiro capítulo da Bíblia brotou de um povo que estava a tentar recomeçar, que, tendo errado sobremaneira, tentava agora ensinar os seus filhos a partir de novo. É um texto a meio caminho entre o doloroso e o construtivo, o luminoso – como alguém que só se dá conta do valor de quanto perdeu depois de ficar privado disso, começando então, de modo paradoxal, a possuir aquilo que perdeu; é um olhar para trás a fim de olhar melhor para diante.

A sabedoria contida no relato do início é uma sabedoria que pretende indicar o caminho, que pretende descrever o cerne das coisas para poder secundá-lo.

Não podemos deixar de recordar o facto de que os Padres da Igreja – os bispos e mestres da fé da primeira época cristã – apreenderam, obviamente, até que ponto este texto é grávido de potencialidades.

Uma falange de monstros sagrados, entre os quais Orígenes, São Basílio Magno, São João Crisóstomo e Santo Ambrósio, deixou-nos os seus comentários aos seis dias da criação, o chamado *Hexameron*, escrevendo textos espirituais e teológicos fundamentais acerca do primeiro capítulo do Génesis, espraçando-se sobre as dimensões da teologia da criação, da redenção e da teologia cristã.

Não vou tentar sequer caminhar nessa direção. Não estou à altura de o fazer e tentá-lo seria inútil: esses textos fundamentais já existem, aproveitemo-los.

Todavia, há algo que neste quarto de século de sacerdócio a Providência me concedeu viver muitas vezes: acolher a força «paradigmática» da Palavra de Deus.

Na fruição comum da Escritura, existem aspetos na sua maioria pouco analisados e que, com frequência, são ativados de modo inconsciente. O primeiro é o aspeto *performativo*: substancialmente, quer dizer que a Palavra de Deus tem a força de *performatizar*, realizar, tornar real aquilo que diz. É o que se vê nos sacramentos, por exemplo. Não é o mesmo dizer «isto é o meu corpo» ou «enviai o vosso Espírito» como afirmações soltas, e dizê-las com a força de uma liturgia sacramental: há uma diferença significativa. É algo que se entende muito melhor no âmbito da experiência do que com base numa teoria. As palavras tornam-se performativas, realizam aquilo que anunciam.

É este o aspeto mais nobre e extraordinário. Mas não é o único. Como já foi dito, a Palavra de Deus tem uma força *paradigmática*: além de poder realizar aquilo que diz, ela funciona como paradigma. O que quer isto dizer?

Um paradigma é o essencial da estrutura verbal que necessita de conjugação para se tornar linguagem. *Fero, fers, tuli, latum, ferre*⁸. Um pesadelo da nossa idade escolar. Embora não entremos na sondagem filosófica sobre o que é um *paradigma* – não se pode aumentar em demasia a dor de cabeça do leitor – basta-nos esclarecer que o paradigma – que vem de um verbo grego que significa *mostrar, apresentar, confrontar* – é o esquema de uma componente verbal que deve ser conjugada, como já dissemos, segundo as regras da língua. Isto é, no nosso caso: a Palavra de Deus procura um cônjuge: a minha existência.

Quando aceito conjugar um episódio das Escrituras com a minha vida, descubro que se descerra uma potência extraordinária e começo a reconhecer que estou dentro da obra de Deus e a descobrir que sou uma declinação da sua Palavra⁹.

⁸ Paradigma de um verbo latino irregular, representando as formas da 1ª. e 2ª. pessoas do presente do indicativo; do infinitivo; da 1ª. pessoa do pretérito perfeito do indicativo; e do supino. Tem os significados de levar, portar, trazer, lançar, entregar etc. [NT].

⁹ É inevitável que, pelo menos numa nota e com extrema brevidade, se explique algo mais preciso a este propósito. A linguagem humana, para além da distinção entre monólogo e diálogo, é fundamentalmente de três

Ao ler, por exemplo, a história da mulher que sofre perdidas de sangue, no quinto capítulo do Evangelho de São Marcos, suspeito que esta encerre um paradigma de cura das feridas do mundo íntimo-sexual-afetivo. E tento aplicá-lo. Com a Madre Fulvia, minha querida amiga, atual Madre Abadessa do convento das Agostinianas da Via dei Santi Quattro, em Roma, experimentámos este texto no acompanhamento das raparigas em discernimento. Eficaz, iluminador. Estávamos em 2012. Mais tarde, com a

tipos: linguagem unívoca, equívoca e analógica. A primeira é, por exemplo, da ciência, das afirmações dogmáticas ou dos slogans, é seca, não admite réplicas, mas só a aceitação ou a rejeição. A equívoca é a da poesia, da comichidade, dos significados plurais, ou, utilizando um termo técnico, da polissemia (= muitos significados para a mesma afirmação). A terceira é a mais propriamente humana, é feita de analogias, é a força de uma explicação, e implica, justamente, alguns exemplos. Jesus, no Evangelho, usa-a como poucos, através das parábolas e de outros exemplos. Por uma experiência comum comprovada, pode-se afirmar que a eficácia de uma comunicação está muito mais na escolha dos exemplos e das analogias do que na exatidão da afirmação de substância, embora esta seja necessária. Uma criança cresce muito mais escutando um conto do que escutando um conceito.

Dito isto: qual é a analogia essencial da vida espiritual? A vida biológica. Qual é a analogia da realidade sobrenatural? A própria natureza. Eis aqui, em nota, a chave essencial da hermenêutica usada neste livro, que nada tem de original: a criação é a melhor analogia da redenção. Por isso pode-se citar, por exemplo, a oração que a Santa Madre Igreja coloca após a mais grandiloquente proclamação litúrgica do primeiro capítulo do Génesis, a da Solene Vigília Pascal, que, a propósito, põe em paralelo a criação com a redenção: «... *se foi grande, no princípio, a criação do mundo, bem maior, na plenitude dos tempos, foi a obra da nossa redenção*» [Tradução nossa. A tradução da edição portuguesa do Missal Romano faz perder este sentido analógico mais direto – NT]. Com efeito, *lex orandi, lex credendi*. Se chegassemos ao fim da nota merecemos um prémio.

ajuda de outros colaboradores, viria a servir de percurso sobre a cura afetiva.

Logicamente, este tipo de ação não pode ser feito à toa, improvisando. Requer uma triangulação entre realidade, fidelidade ao texto e a torrente da tradição da fé cristã, mediante a qual, com os pés bem assentes no quotidiano e uma análise honesta e fiel do texto, se tenta acolher – e não inventar – o paradigma latente concordante com a fé; este paradigma, se for confirmado por uma concertação de sinais que se vão revelando de forma providencial, num ato de oração e de fé – e não decerto por uma banal «técnica» – torna-se a luz que nos permite mover-nos dentro da realidade. É um trabalho muito mais de acolhimento do que de criatividade.

Foi a graça recebida juntamente com os jovens com os quais iniciava o meu ministério, há tantos anos, ao contemplar as Dez Palavras ou os Sete Sinais do Evangelho de São João. O paradigma existencial está ali, não é preciso forçar o texto; pelo contrário, encontram-se mil e uma confirmações sinfónicas na história da fé cristã, na Encarnação e, sobretudo, na Páscoa do Senhor Jesus, e depois nos primeiros Concílios, nos textos dos Padres, na fé dos santos, no magistério da Igreja. E movemo-nos com uma naturalidade que sabe a obra de Deus. Sem forçar nada.

E é mais ou menos isso que faremos também agora: entrar na escola do paradigma da criação segundo a pri-

meira página da Bíblia, para entendermos o segredo do recomeçar desde o princípio. Leremos ao mesmo tempo o texto bíblico e a nós mesmos e procuraremos extrair o tesouro, o esquema, a filigrana do reerguermo-nos, do relançar a nossa vida. Como fizeram tantos cristãos antes de nós e em comunhão com eles, aos quais vale a pena pedir a intercessão do Céu.

E o discernimento?

Uma nota essencial: por discernimento não se pretende perceber se determinada pessoa se deve casar ou ser padre. Por amor de Deus! Essa é uma segunda fase de uma existência que já foi amassada na comunhão com Deus – que desastre provocamos quando não fazemos essa distinção!

Por discernimento entendemos aquela dinâmica que guia interiormente a pessoa que vive diante de Deus, tal como o Senhor Jesus está diante do Pai¹⁰. É a orientação profunda do ser. Não é uma escolha isolada, mas subsiste em todas as escolhas. Revela-se nas escolhas, mas não consiste nas escolhas em si mesmas. É a massa da vida nova que o Senhor Jesus inaugurou na carne humana.

¹⁰ Jo 1, 1. O Verbo – diz o texto grego – estava *perante* Deus – *pros ton Theón*.

Um gato é sempre um predador latente, e quando desenvolve a atividade predatória é simplesmente ele mesmo; um cão é um perdigueiro latente, e quando fareja e aponta não se trata de uma atividade «especial», é a sua própria atividade.

Um filho de Deus não tem discernimento acerca da vontade de Deus por ter lido um livro ou por ter ouvido centenas de catequeses, mas porque «fareja» o Pai nas coisas, visto que o conhece. O discernimento não é uma habilidade. É uma identidade redimida posta em ação, é a relação dos filhos com o Pai que se torna sensibilidade, olhar apurado, olhar afinado.

Partindo destas premissas, poderia parecer que o tema do discernimento evocado na leitura da Criação é um tópico heterogéneo, colateral, talvez incluído por alguma estratégia desconhecida. Não. Naquela natureza mencionada acima, quando nos aproximamos de um texto e o respeitamos, ele liberta os seus tesouros.

A ideia de abordar este texto, diga-se, enveredou pelo melhor caminho de todos: a comunhão com os irmãos. Pelo meu ministério de diretor do serviço para as vocações da Diocese de Roma, tive de enfrentar o feliz desafio de reunir os padres e de fazer coisas em colaboração com eles.

Nos anos de 2012 a 2014, juntamente com os sacerdotes responsáveis por algumas paróquias romanas – que constituem a décima segunda prefeitura¹¹ da Diocese – organizámos cursos para jovens, com resultados felizes, vivendo uns com os outros alegres momentos de partilha.

Tendo de fazer um terceiro curso de educação na fé para jovens, depois de um sobre os primeiros instrumentos do discernimento e de outro sobre a cura afetiva, um daqueles sacerdotes, o Padre Paolo Iacovelli, teve a ideia do Examerão, tal como ele o chamou, ou seja, os seis dias da criação, como linha de trabalho; foi uma aventura surpreendente, porque o texto suplantou, em termos de vitalidade, todas as nossas expetativas.

Deparámo-nos com uma estruturação bastante precisa; no aprofundamento feito na escola de vida da primeira quinta-feira do mês, na paróquia de São Marcos, da qual era pároco o atual Vigário para a Diocese de Roma, Mons. Angelo de Donatis, o texto gritou a sua sabedoria, eficaz para reestruturar e relançar a vida de muita gente. Continha exercícios simples, que permitiam reordenar a vida espiritual e colocar as bases, de forma natural, para se começar a crescer na relação com o Senhor.

Como veremos em seguida, trata-se de temas essenciais, dispostos segundo uma ordem simples e sábia. E é

¹¹ Equivalente aos arciprestados ou vigararias em Portugal [NT].

óbvio que assim seja, porque, como vimos, o próprio texto é dotado da intenção de se reapropriar das raízes boas da vida, porque quer dar voz à origem do todo, como descrição da boa filigrana da realidade. Quer descrever o genoma da vida humana e cósmica e, por conseguinte, revela o mapa da fidelidade à vida.

Coloca-se como paradigma natural de cada início, porque contém o início de tudo.

Além disso, se olhamos para a sua materialidade, é raro encontrar tanta ordem, tão equilibrada subdivisão. O texto do primeiro capítulo do Génesis tem um ritmo solene, litúrgico, majestoso. Repete-se de modo agradável, soa bem, arrasta com um crescendo evidente até ao aparecimento da apoteose da criação, o homem, varão e mulher magnificamente paritários e complementares, com todas as suas prerrogativas belas, dignas e nobres.

É o caminho rumo a este homem, do nada rumo à recuperação da sua dignidade, rumo ao ser ele próprio, celebrado por um povo humilhado, que vai entendendo quanto desperdiçou.

É o caminho do filho pródigo rumo ao pai, é o caminho de Saulo rumo a Damasco, de Agostinho rumo à salvação, de Francisco rumo à pobreza, de Inácio rumo ao discernimento dos espíritos. E de muitíssimos outros.

Da desolação rumo à nobreza, à beleza, à fecundidade.

É o protocolo da vida boa.

Mas a esta vida, não se limita a descrevê-la, vai muito mais longe; indica o seu fundamento e a estratégia para a sua construção.

Terei intrigado o leitor? Espero que sim. A mim faz-me um bem imenso percorrer este caminho em direção à luz e à distinção entre o bom e o muito bom. Porque é o conhecimento e a recordação do belo que dá discernimento. É conhecer o Pai, o seu Filho Jesus Cristo e o Espírito Santo, dador de vida, e entrar dentro da sua relação que nos entrega as chaves do discernimento.

Se conhecemos um vinho bom, já não queremos o mau. Se conhecemos a sinceridade, a hipocrisia deixa-nos embaraçados. Se conhecemos a beleza, a mediocridade incomoda-nos. Se conhecemos o amor, o pecado deixa de nos parecer simpático.

E podemos distingui-los.

Uma, ou melhor, duas cláusulas vitais

Uma coisa deve ser esclarecida, como um encorajamento e não como uma imposição: não se pode viver plenamente todo o dinamismo em que vamos entrar sem aquilo a que chamamos ***oração***. Este livro dará pequenos

conselhos, à medida que se for desenvolvendo, não conselhos abstratos, mas diálogos a ter com Deus.

A viagem que temos por diante não constitui uma técnica banal. Se alguém pretender sacar esse tipo de mediocridade deste livro, desperdiçará o seu tempo. O discernimento, mesmo o inicial, repitamo-lo, faz-se em diálogo com o Senhor, porque o discernimento não é uma habilidade, é uma relação.

A atividade que está a montante de tudo, aquela que possibilita as coisas das quais falaremos, é descrita assim:

«Tu, porém, quando rezares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê o que está oculto, te dará a recompensa»¹².

As coisas de que falaremos neste livro implicam que tentemos entrar no nosso próprio segredo, no nosso próprio íntimo, no nosso próprio «quarto» e que *«fechemos a porta»*, ou seja, que procuremos uma zona na qual não haja acesso a mais nada, em que o mundo fique de fora e onde se fale com Aquele que está no segredo.

Esta viagem – para que não seja um livro, mas uma experiência – implica que se esteja com o Pai que gera aquele tipo de vida que vimos em Jesus de Nazaré. Recomeçar,

¹² Mt 6, 6.

na realidade, quer dizer sermos regenerados. Requer um Pai. Não se faz. Recebe-se.

E para que se torne Pai nosso, devemos deixá-lo cumprir a sua função de Pai. E, por isso, deixar-nos trabalhar por Ele. Estar com Ele. Deixá-lo agir.

A segunda cláusula é que tudo aquilo que chegarmos a entender pessoalmente, talvez através das simples indicações que nos serão dadas, não poderá ser tomado como certo a não ser depois de o termos submetido a um olhar de sabedoria. Precisamos de um *guia*, de um confessor, de um cristão certamente mais adiantado na fé do que nós, para verificar se não estaremos a cair numa armadilha e para concretizarmos num diálogo tudo o que corre o risco de ser um enganoso monólogo. Esta notação é absolutamente imprescindível. Se não confrontarmos com alguém aquilo que formos entendendo, será grande o risco de autoengano.

Dizia São Bernardo de Claraval:

*«qui se sibi magistrum constituit,
stulto se discipulum facit»*

*«quem se faz mestre de si próprio,
faz-se discípulo de um estulto».*

ÍNDICE

<i>Prefácio</i> – P. Marko Ivan Rupnik	7
<i>Preâmbulo</i>	15

ANTES DOS DIAS

<i>O início contém tudo</i>	19
Origens e originais	23
E o discernimento?	30
Uma, ou melhor, duas cláusulas vitais	34

PRIMEIRO DIA

<i>O dom das primeiras evidências</i>	37
O início tem sempre razão	40
Irmão caos	43
A primeira vocação	50
O primeiro passo	55
Faça-se a luz!	64
E a luz apareceu!	70

SEGUNDO DIA

<i>O dom das prioridades</i>	77
Desconfiar das imitações	83
O que está na clave	89
Eixos e descarrilamentos	94
Vegetarianos sanguíneos	103

TERCEIRO DIA

<i>O dom dos limites</i>	111
Um, ninguém e cem mil	114
Aproveitar os limites	122
Podar para dar mais fruto	133

QUARTO DIA

<i>O dom das inspirações</i>	149
Pirilampos e lanternas	158
A nascente dos pensamentos	163
Sintaxe, linguagens, idiomas	171
Linhas retas e curvas	180
Postos de controlo	186
Querendo ir mais além	194

QUINTO DIA

<i>O dom da bênção</i>	203
Daquilo que existe, não falta nada	206
«... aprendi a ser rico...»	214
Segundo a própria espécie	223

SEXTO DIA – PRIMEIRA PARTE

<i>O dom das humilhações</i>	237
O processo de emurchecimento	243

SEXTO DIA – SEGUNDA PARTE

<i>O dom da alegria</i>	257
-------------------------------	-----

Índice

Imagens e imaginários	263
Quem sou eu para ti?	274
A beleza do masculino e do feminino	282
Pratos para lavar	289
O paraíso são os outros	299

RUMO AO SÉTIMO DIA

<i>O dom do alimento</i>	311
<i>Agradecimentos</i>	319
<i>Índice</i>	321